

NOÇÕES SOBRE O ROLEZINHO E UMA SOCIEDADE ESTACIONÁRIA


Janaína Vieira de Paula Jordão

Doutoranda em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás, sendo bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás – FAPEG; e professora do Curso de Publicidade e Propaganda da Faculdade de Informação e Comunicação (UFG).

Muito já se discutiu sobre o fenômeno do rolezinho. Como na maioria dos debates no Brasil, acaba-se caindo na vala comum de os debatedores se acusarem de serem de esquerda ou de direita, ou a culpa acaba recaindo na agora mais vilã do que nunca classe média tradicional (em oposição à noção questionável de “nova classe média”). A partir daí, deixa-se de se discutir qualquer fenômeno que seja, e apenas jogam-se, se a inflação permitir, tomates.

Mas, tentando deixar esse sintoma repetitivo pra trás, já que não se avança com ele, um outro pode ser notado a partir de um passeio nas caixas de comentários das notícias relativas ao tema na internet: a rapidez com que necessitamos de entender e de atribuir uma noção quase definitiva a algum fato novo que aparece na frente. Basta surgir uma novidade pra buscarmos guardar, como se fosse nas gavetas do nosso conhecimento, um lugar onde ela possa se encaixar, com o objetivo de reduzir as contradições e as incoerências. São as representações cotidianas (VIANA, 2008). Isso acontece com a música, com a moda, com a arte e, também, com grupos e fenômenos sociais. Lembre-se da enxurrada de textos tentando dizer quem é e do que gosta a “nova classe média”, como se fosse um grupo recém chegado de Marte. Esses conhecimentos vão se naturalizando e se sedimentando na cultura, contribuindo para a formação das opiniões e convicções e a produção de ações baseadas nelas (VIANA, 2008).

Revista Posição




E nada melhor pra entender o que pensa uma sociedade (e não necessariamente o que ela é) do que dar uma olhada nas representações cotidianas. Porque elas mostram o que parece ser natural de se pensar. É quase que uma ideia em estado sólido. É natural que Deus ajuda quem cedo madruga. É natural que mulheres tenham mais jeito com crianças e idosos e que sejam vaidosas. É natural que homens não chorem e que gostem de esportes. E tudo fica tão natural que perdemos a própria noção de que o que está acontecendo no mundo somos nós quem construímos no dia-a-dia. E construímos também quando associamos um fato novo a categorias, gavetas pré-existentes, especialmente se hierarquizadas de boas a ruins. É aí que mora o perigo. Porque construímos e também podemos ajudar a perpetuar modos de pensar. Inclusive os que constroem ou perpetuam desigualdades.

O que se pode notar nas caixas de comentários é a quantidade de adjetivos que são rapidamente associados a esses jovens, como arruaceiros, maloqueiros, vagabundos, antes mesmo de se buscar entender com mais profundidade o fenômeno. Não é raro encontrar frases que sugerem que se façam rolezinhos à procura de trabalho. Mas, até onde eu pude ver, os encontros são nos fins de semana. Essa meninada pode estar, sim, trabalhando. Ou não, afinal, são adolescentes. Aliás, isso vem ao caso? A violência policial e as liminares proibindo a entrada desses jovens reforçam essas associações negativas, ligando-os à criminalidade, ainda que não haja comprovação disso. Claro que pode haver ocorrências de crimes, como há todos os dias nos shoppings, com ou sem rolezinho, por parte de pessoas de diferentes classes sociais.

Um outro tipo de argumento que aparece muito é de que os shoppings, por serem propriedades privadas, têm o direito de excluir quem lhes convêm. E que os “frequentadores tradicionais” têm o direito de fazer compras em paz, sem estarem cercados por este grupo que só vai ao shopping para “zoar”.

Esse é outro mecanismo gerador de desigualdades, já que o acesso a bens e oportunidades fica restrito a determinados grupos, o que, segundo o sociólogo Charles Tilly (1998), coloca grupos relacionados em lados distintos de uma fronteira. Uns dentro, outros fora.

Revista Posição



A partir desse barulho todo, que acaba por revelar não é o rolezinho em si, mas as representações dele como arrastão (e do mais pobre como criminoso) e o acúmulo de oportunidades e produção (ou reforço?) de desigualdades – é possível pensar: por que pra muita gente incomoda tanto conviver com este mundo estranho, ainda que esse mundo estranho seja de fato o mundo real brasileiro, já que temos muito mais pobres que ricos? Talvez seja bom lembrar que vivemos em um país de terceiro mundo, onde não há cultura e lazer disponíveis a todas as camadas sociais. E há muito, o shopping tem representado este papel.

Isso sem falar do aumento do poder do consumo da classe trabalhadora, que evidentemente vai refletir no aumento da frequência das pessoas das camadas populares nos centros de compras. Barrá-las seria o mesmo que pregar a existência de Deus, mas proibir a entrada na igreja. Será então que o que incomoda é não só o compartilhamento dos espaços, mas também das marcas e dos objetos de desejo?

É por isso que rolezinho e protestos contra aumento significativo de estacionamento, como aconteceu recentemente em relação ao Shopping Flamboyant em Goiânia, são, na minha opinião, causas legítimas. Porque dizem respeito a acesso. Ou melhor, à falta dele. À distinção e ao enrijecimento da fronteira entre ricos e pobres. Bloqueia-se a entrada dos últimos não só do shopping. Mas do convívio nos espaços centrais da cidade, “devolvendo” essas pessoas aos guetos, escondidas da visão para se poder dormir – e comprar – em paz.

Um tipo de pensamento que acredita que o sucesso ou o fracasso na vida vem única e exclusivamente do próprio mérito ou falta dele se esquece de que entramos nesse jogo com armas distribuídas desigualmente. Se não tentarmos equilibrar essa balança, ainda que pela via da cultura e das representações que vão sendo construídas no cotidiano, a nossa pobre noção de cidadania vai continuar estacionada. E a um preço cada vez mais alto.

Referências:

- TILLY, Charles. *Durable Inequality*. Berkeley: University of California Press, 1998.
- VIANA, Nildo. *Senso comum, representações sociais e representações cotidianas*. Bauru, SP: Edusc, 2008.